

Eudoro de Sousa

Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a
Universidade do Porto

COORDENAÇÃO

Celeste Natário

Luís Lóia

Marcus Mota

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2019

FICHA TÉCNICA

Título: Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto

Coordenação: Celeste Natário, Luís Lóia, Marcus Mota

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-24-8

DOI: 10.21747/978-989-8969-24-8/eud

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1685&sum=sim>

José Otávio Nogueira Guimarães *

A (in)atualidade de Eudoro de Sousa

Resumo:

O texto que escolhi para tentar mostrar como Eudoro, em sua (in)atualidade, pode nos ser contemporâneo, está habitado, desde sua elaboração até sua publicação final, por uma heterocronia. A (in)atualidade de Eudoro de Sousa, sua intempestividade, também se revela por um desconforto com a compreensão da cultura histórica de seu tempo. Ele se desconecta, ele se dissocia dessa compreensão, mas não deixa no indeterminado a suspensão da dinâmica passado-presente. Ele propõe que esta seja substituída, na História entendida doravante como *presença do presente*, pela extensão delimitada pela *antiguidade* e pela *atualidade*.

Palavras-chave: História, presença do presente, antiguidade e atualidade

The (un)actuality of Eudoro de Sousa

Abstract:

The text I chose to try to show how Eudoro, in its (in)actuality, may be contemporary to us, is inhabited, from its elaboration until its final publication, by a heterochrony. The (un)actuality of Eudoro de Sousa, his untimeliness, is also revealed by a discomfort with the understanding of the historical culture of his time. He disconnects and he dissociates himself from this understanding but does not leave in suspension or undetermined the dynamics of the past-present. He proposes that, in History, that dynamic should be replaced and understood as the *presence of the present*, in between the extension that comprehends the meanings of *antiquity* and *actuality*.

Keywords: History, presence of the present antiquity and actuality

* José Otávio Nogueira Guimarães. Universidade de Brasília: joseotavionogueira@gmail.com

I

Há múltiplas entradas para se falar do (in)atual no pensamento de Eudoro de Sousa, doravante tratado aqui por Eudoro. Gostaria de tomar a entrada que permite fazer dele um de nossos contemporâneos. Para ajudar a responder à questão que delimita essa entrada – como Eudoro nos é contemporâneo na sua (in)atualidade? – conto com o apoio do belo texto de Giorgio Agamben, “O que é o contemporâneo?”, resultado de aula inaugural preparada, em 2006, para um de seus cursos na Faculdade de Arte e Design de Veneza⁸¹.

Para começar, delimito melhor a entrada, concentrando-me em um texto originalmente redigido por Eudoro para ser também uma espécie de aula inaugural. Trata-se do apêndice à *Mitologia 2: História e Mito*, que ele intitulou de “A Grécia e a História” e resolveu colocar ao final desse livro.⁸² Na “Nota prefacial à primeira edição”, de 1981, ele explica como o apêndice tomou forma.

«É o texto de uma conferência que nunca foi proferida, pois destinava-se a iniciar uma série de exposições de filme sobre a Grécia. Afinal, em vez de abri-la coube-me a honra de fechá-la; por isso, o texto não podia ser o mesmo. Mas acho que este presta aqui bem melhores serviços do que prestaria se, efetivamente, tivesse cumprido seu destino.»⁸³

Eudoro se mostra ciente de que a finalidade de um escrito, de acordo com a temporalidade exigida pelo momento de sua exibição – por exemplo, conferência de abertura ou de encerramento – determina fundamentalmente sua natureza e seu “destino”. Ele havia preparado o texto para abrir um evento, mas como a mudança de programação reservou-lhe o encerramento, o manuscrito acabou por perder sua identidade e, conseqüentemente, sua serventia; já “não podia ser o mesmo”. Em resumo, o texto que era para introduzir a mostra de cinema transformou-se no apêndice que encerra *Mitologia 2: História e Mito*. Convenha-se que “encerrar” talvez não seja uma boa palavra para definir os serviços desse texto no dito opúsculo. Malgrado esteja localizado ao final do livro, ele é um apêndice; e um apêndice, não é exatamente uma conclusão ou um posfácio.

⁸¹ Agamben, G. “O que é o contemporâneo?”, in *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 55-73.

⁸² Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *Mitologia 2: História e Mito*, 2a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 83-90.

⁸³ Sousa, E. de. “Nota prefacial à primeira edição”, in *Mitologia 2: História e Mito*, 2a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 3.

A relação temporal de um apêndice e de uma conclusão ou um posfácio com o corpo do livro não é certamente a mesma⁸⁴.

Aliás, o próprio Eudoro, na citada “Nota prefacial à primeira edição”, já indicava dois elementos que retiram do texto qualquer papel conclusivo. O primeiro encontra-se na informação de que, ao invés de encerrar, de concluir, o apêndice, ali, “resume parte do livro”; e mais, como resume, apresentando “certos elementos terminológicos que desempenham importante papel no conjunto”, deve ser lido previamente apesar de posicionado nas últimas páginas.⁸⁵ O segundo elemento liga-se ao reconhecimento por Eudoro de que dos dois últimos parágrafos do trabalho “tanto se pode dizer que fecham o opúsculo quanto se diria que abrem outro”. Eles, esses parágrafos, podem ser entendidos, nas palavras o Eudoro, como uma “promessa”⁸⁶. E o tempo da promessa, certamente, não é aquele do encerramento⁸⁷.

Resumo da opereta: o texto que escolhi para tentar mostrar como Eudoro, em sua (in)atualidade, pode nos ser contemporâneo, está habitado, desde sua elaboração até sua publicação final, por uma heterocronia. Ele é testemunho de turbulências e dissonâncias temporais⁸⁸. Redigido para uma conferência de abertura, transformou-se em um apêndice colocado ao final de um livro, mas que deveria ser lido antes que a leitura começasse. Sua produção e sua forma de exibição, com esses deslocamentos e entrecruzamentos de posições temporais, metaforizam uma de suas questões principais, senão sua questão principal: “o alcance e validade dos estudos históricos”⁸⁹, ou seja, o alcance e a validade da História como esse saber do tempo no tempo. O texto se põe por tarefa pensar, logo de saída, essa relação, de ordem eminentemente temporal, entre a “Grécia uma vez acontecida” e o “acontecer da Grécia, repetidamente descrito pela História”⁹⁰.

II

⁸⁴ Ver Genette, G. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.

⁸⁵ Sousa, E. de. “Nota prefacial à primeira edição”, in *op. cit.*, p. 3.

⁸⁶ *Idem*.

⁸⁷ Ver Ost, F. “Promessa. Ligar o futuro”, in *O tempo do direito*. Tradução de Élcio Fernandes. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 187-300,

⁸⁸ Ver Salomon, M. (org.). *Heterocronias – Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

⁸⁹ Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 83.

⁹⁰ *Idem*.

Passo a anunciada conversa entre Agamben e Eudoro em torno da ideia da (in)atualidade como forma de ser do contemporâneo. Uma primeira orientação para o desenvolvimento dessa conversa vem de Friedrich Nietzsche por meio Roland Barthes. Em um de seus cursos no *Collège de France*, o linguista francês anota: “o contemporâneo é o inatual”⁹¹. Barthes, com essa tirada, evoca, evidentemente, as conhecidas *Considerações inatuais* (ou intempestivas ou extemporâneas ou inoportunas, para citar apenas algumas das mais frequentes traduções em português do termo alemão *Unzeitgemässe*), publicadas pelo filólogo e filósofo alemão em 1874, logo após a inesperada celebridade alcançada com *O nascimento da tragédia* (1872). Nietzsche quer com esses textos, sobretudo com a segunda das *Considerações*, “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”, acertar contas com o seu tempo, tomar posição relativamente ao presente. No início desse texto, ele explica porque a *Consideração* deve ser entendida como intempestiva (inatual).

«Esta consideração também é intempestiva (inatual) porque tento compreender aqui, pela primeira vez, algo de que a época está com razão orgulhosa – sua formação histórica como prejuízo, rompimento, deficiência da época – porque até mesmo acredito que padecemos todos de uma ardente febre histórica e ao menos devíamos reconhecer que padecemos dela.»⁹²

O modo de Nietzsche habitar a contemporaneidade dá-se, assim, observa Agamben, por meio do intempestivo, do inatual, já que o filósofo, no caso, manifesta seu pertencimento ao presente por meio de uma “desconexão”, de uma “dissociação”⁹³. A primeira marca da contemporaneidade, para o pensador italiano, pode, portanto, ser expressa nos seguintes termos.

«Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo.»⁹⁴

⁹¹ Barthes, R. *La Préparation du roman (I et II). Cours et séminaires au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980)*. Paris: Seuil, 2003.

⁹² Nietzsche, F. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003, p. 6.

⁹³ Agamben, *op. cit.*, p. 58.

⁹⁴ *Idem*, p. 58-59.

A (in)atualidade de Eudoro de Sousa, sua intempestividade, também se revela por um desconforto com a compreensão da cultura histórica de seu tempo. Ele se desconecta, ele se dissocia dessa compreensão.

Para por em marcha sua argumentação, o helenista lisboeta começa, provisoriamente, por reconhecer: “a Grécia antiga não pode ser senão objeto de investigação histórica!”⁹⁵. Admite, contudo, para logo em seguida dizer que persiste e insiste numa questão: “que posso eu esperar da História quanto ao conhecimento da Grécia?”⁹⁶. Há respostas óbvias a essa questão, bem assentadas em seu tempo, como as que afirmam que a investigação histórica recolhe vestígios “na intenção de conhecer o que quer que os deixou pelo caminho” e que, portanto, a “História é história do passado”; dirige-se para o passado e persegue vestígios que são do passado⁹⁷. Todavia, essa resposta óbvia não é necessariamente, para Eudoro, a mais verdadeira. Ele se dissocia dela, desconecta-se dela, para propor outra compreensão da História.

«Não receio assumir o risco de dizer o contrário: a História é sempre e de cada vez que o seja, um conhecimento, um saber da *presença do presente*.»⁹⁸

Essa fórmula breve, a História como saber da *presença do presente* será intensamente explorada por Eudoro em todo o texto e aponta de imediato para o descarte da compreensão da História como mero conhecimento do passado. A *presença do presente* não opõe simplesmente passado e presente, tampouco coloca o presente no lugar do passado. Com a fórmula é abandonado um dos alicerces da concepção de tempo que suporta a história como conhecimento do passado, o presente como um simples “ponto” de transição⁹⁹.

«(...) o presente, qualquer presente que se fixe ao longo do eixo cronológico, para trás ou para diante deste em que nos encontramos, não deve ser considerado como um ponto. Um ponto não tem dimensões; mas a presença do presente (...) é um segmento mais ou menos extenso e, por isso, dimensionável.»¹⁰⁰

⁹⁵ Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 83.

⁹⁶ *Idem*.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ Ver Agamben, G. “Tempo e história: crítica do instante e do contínuo”, in *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 109-128.

¹⁰⁰ Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 83-84.

Como é mantida com a fórmula da *presença do presente* a imagem da reta axial do tempo, Eudoro não deixa no indeterminado a suspensão da dinâmica passado-presente. Ele propõe que esta seja substituída, na História entendida doravante como *presença do presente*, pela extensão delimitada pela *antiguidade* e pela *atualidade*. E, assim, nos explica:

«... substituímos (...) a oposição mais abstrata, que se dá em presente e passado, por outra, mais concreta: a de atual e antigo, dentro de cada época, a atualidade que a individualiza e caracteriza, atrai a si, por força retroativa, a sua própria antiguidade. (...) A História está condicionada a percorrer o espaço (ou o tempo) que medeia entre uma antiguidade e uma atualidade conexas, porque situadas, ambas, nos extremos do segmento representativo de uma forma específica da presença do presente. Portanto, digamos que não há atualidade que se refira a uma antiguidade absoluta, isto é, dela separada ou separável. Qualquer atualidade tem sua própria antiguidade; diríamos até, que só tem a antiguidade que merece.»¹⁰¹

Resta claro, parece-me, particularmente no que interessa aqui, a concepção de História, a não-coincidência de Eudoro com seu tempo. Essa discronia não significa, como sublinha Agamben, que o contemporâneo seja aquele que vive em outro tempo, um nostálgico por exemplo¹⁰². Eudoro bem vive no tempo que lhe foi dado viver. Eventuais desconfortos com seu tempo não significa que acredite em poder dele escapar. Eudoro sabe lhe pertencer irrevogavelmente. Na *presença do presente*, não há antiguidade sem atualidade. Além disso, a História que desenha contornos na *presença do presente* delimita sempre seu *horizonte*; e “horizonte quer dizer limitante”, “mesmo que o limite não seja sempre o mesmo”¹⁰³.

O autor de *Dioniso em Creta*, voluntariamente exilado em Brasília, poderia ser, para Agamben, um verdadeiro contemporâneo, pois, na relação com seu próprio tempo, adere a ele e, ao mesmo tempo, dele toma distância. Os que coincidem plenamente e perfeitamente com a época em que vivem, que não experimentam dissociação e anacronismo, não são contemporâneos, já que sem distância, não conseguem “manter fixo o olhar sobre ela”¹⁰⁴.

¹⁰¹ *Idem*, p. 84.

¹⁰² Agamben, G. “O que é o contemporâneo?”, in *op. cit.*, p. 58-59.

¹⁰³ Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 85.

¹⁰⁴ Agamben, G. “O que é o contemporâneo?”, in *op. cit.*, p. 59.

III

A esta primeira definição da contemporaneidade Agamben ajunta uma outra. Quem olha para o seu tempo, o que vê? – pergunta. E logo responde: “o contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes [apenas] mas o escuro”. Mas o que significa exatamente, continua Agamben, “perceber o escuro”?¹⁰⁵ São sugeridas duas respostas: a primeira vinda da hodierna neurofisiologia da visão e a segunda da astrofísica contemporânea.

A neurofisiologia nos mostra, em resumo, que a percepção do escuro não é exatamente derivada de uma simples ausência de luz. O que acontece quando fechamos os olhos? O que é o escuro que vemos? A obscuridade ativa células periféricas da retina chamadas de *off-cells*. São elas as responsáveis por nos apresentar as trevas. Escuro, destaca Agamben, não é, portanto um conceito privativo, negação da claridade, uma não-visão, “mas o resultado da atividade das *off-cells*, um produto de nossa retina”¹⁰⁶. Um legítimo contemporâneo, assim, é aquele que não é inerte nem passivo ao perceber as obscuridades do seu tempo, pelo contrário, sua observação do tempo em que vive implica uma atividade e uma habilidade particulares que “equivalem a neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes”¹⁰⁷.

Não seria ousado dizer que Eudoro é, nesse sentido proposto por Agamben, novamente um bom contemporâneo. Ele não se deixa cegar pelas luzes de sua época e consegue perceber no seu tempo a parte de sombra que o compõe. O contemporâneo Eudoro toma o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo como algo que, além da luz, se dirige diretamente a ela e provoca sua reflexão. De acordo com Agamben, o “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provêm do seu tempo”¹⁰⁸.

Posso oferecer alguns exemplos desses fachos de trevas que atingem a intempestiva reflexão de Eudoro acerca da história. Antes de mais nada, para ele, a

¹⁰⁵ *Idem*, p. 62-63.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 63.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Idem*, p.64.

presença do presente só é possível porque ela é “presença do homem no mundo”¹⁰⁹. E como se dá essa presença?

«Presente é o Homem, que só se afirma, negando; que só aceita, recusando; que só constrói, destruindo. Presente é o Homem, e a História faz-se presença da *positividade* do reverso dessa moeda corrente, cujo anverso é a negação, a repulsa e a recusa devastadoras. Carregamos nas cores sombrias que tingem a figura da rejeição hominizante, pois, se agora nos voltamos para *presença do passado*, fazemo-lo já na convicção de que o passado se constitui desses rejeitos necessários, necessariamente rejeitados para que se abra espaço e tempo ao projeto que designamos por “homem-presente à presença do presente”, isto é, presente à presença de si mesmo, o que, no fundo, equivale a nomear o projeto da historicidade.»¹¹⁰

Sem que eu possa aprofundar o comentário dessa longa citação, sublinhemos apenas duas coisas. Primeira: não há “homem-presente à presença do presente” sem “cores sombrias”. Segunda: a nova categoria que aparece na citação, a *presença do passado* – que não é o passado do saber histórico que se atém a coletar vestígios – é, como diz Eudoro, o “limite da presença do presente”¹¹¹, seu estranho ou, em termos que agradariam Agamben, sua ativa obscuridade.

Passo a anunciada contribuição da astrofísica para caracterizar a percepção do obscuro como uma das marcas da contemporaneidade. Como apaixonado astrônomo amador, creio que Eudoro pudesse aprovar esta analogia¹¹². Quando olhamos as estrelas no firmamento, à noite, vemos igualmente a obscuridade que as envolve. Considerando que o universo é constituído por um número infinito de galáxias e corpos luminosos, como explicar essas trevas circundantes? Os astrofísicos acreditam que em um universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós em uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar. O que percebemos como o escuro do céu é, na verdade, essa luz que viaja velocíssima até nós, mas que, no entanto, não nos atinge, já que as galáxias de onde provêm deslocam-se em velocidade superior a da luz. De acordo com Agamben, “perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não poder fazê-lo, isso significa ser contemporâneo”¹¹³. E mais, para ser contemporâneo

¹⁰⁹ Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 85.

¹¹⁰ *Idem*, p. 86.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² Permitam-me remeter a Nogueira Guimarães, J.O. “Entre-lugar e lugar-nenhum: Eudoro de Sousa, de Portugal a Brasília”, *Archai*, n. 8, jan.-jun. 2012, p. 75-79.

¹¹³ Agamben, G. “O que é o contemporâneo?”, in *op. cit.*, p. 65.

nesse sentido, é preciso coragem: “porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós”¹¹⁴.

Seria ousado – para mais uma vez compreender a contemporaneidade da reflexão de Eudoro sobre a História e dos seus limites como forma de conhecimento – propor que sua evocada *presença do passado* seja como esse escuro astrofísico, manifestação dessa luz dirigida até nós mas que nunca nos alcança? Para Eudoro, esse passado que é o da presença, “reside a um passo do antigo, mas esse passo nunca a História o deu, nunca poderá dá-lo, como jamais ninguém dará o passo que transponha a distância para a lonjura, e o agora para o outrora”¹¹⁵. Evidentemente que ninguém o dará, pois a “lonjura é uma distância absoluta e que, por ser absoluta, já não é sempre relativa distância. E outrora é o que a mesma palavra diz, *hora* que é sempre *outra*, não é a mesma que está em todos os *agoras*, mais ou menos distantes”¹¹⁶. O passado da presença é obscuro ainda porque, como a luz das estrelas que não nos alcançam, ele “passou”, e, “tendo dobrado a esquina da longa quadra do tempo histórico se perdeu de vista”¹¹⁷. A História que é *presença do presente*, insiste Eudoro, “detém-se, por necessidade intrínseca à beira do passado, cujas indimensionáveis dimensões são o outrora, que é outra hora, e a lonjura, que seria, no dizer do poeta, ‘uma distância subitamente impossível de percorrer’”¹¹⁸. Impossível de percorrer e, portanto impossível de se enxergar, a não ser que se passe a olhar fixamente a obscuridade bem como a distância dessa luz que nunca nos chega.

IV

Por fim, Agamben acrescenta mais uma característica do tempo da contemporaneidade. Para ele, “somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo”¹¹⁹. Arcaico, no sentido que interessa à sua argumentação, quer dizer próximo da *arché*, isto é, da origem. E a origem,

«... não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste (...). A

¹¹⁴ *Idem*.

¹¹⁵ Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 86.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ Agamben, G. “O que é o contemporâneo?”, in *op. cit.*, p. 69.

distância – e ao mesmo tempo a proximidade que define a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente.»¹²⁰

Existe, assim, de acordo com o pensador italiano, uma espécie de “compromisso secreto entre o arcaico e o moderno”, “a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico”, por isso, que a via de acesso ao presente, ao contemporâneo, deve ter “necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la”¹²¹.

Essa arqueologia de Agamben, mais uma das características do modo de ser contemporâneo, do modo de ser inatual, porque intempestivo, não se aproxima da forma como, em Eudoro, se apresentam as possibilidades de se dizer a *presença do passado*? Já vimos que a História diz a *presença do presente*, mas a expressão adequada à *presença do passado*, assevera Eudoro, cabe ao Mito. Mito que, no pensador português, não representa coisas ou eventos originados, mas as coisas ou eventos “originários”. Originários não são justamente esses *archai* inapreensíveis pela alegoria, pela luz da inteligibilidade, que se oferecem apenas ao relato simbólico e à captação sensível do mito? E não é o mito essa obscura face do *logos*, que Eudoro, como um contemporâneo corajoso, intempestivo e inatual, encarou de frente? A última frase de “A Grécia e a História”, o texto que me permitiu explorar a “(in)atualidade” do pensamento de Eudoro, diz que o *lógos*, mesmo que heraclítico, não encarou “o grande mistério da presença do passado, que não se fez presente à presença do presente”¹²².

V

Para concluir, gostaria de sublinhar que a entrada temática e o texto escolhidos para ensaiar algumas reflexões sobre a (in)atualidade de Eudoro de Sousa valorizam a problemática das formas de expressão e de experiência do tempo¹²³. Ordep Serra já apontava, em texto de 2003, “Traços à margem do horizonte”, onde apresenta algumas

¹²⁰ *Idem*.

¹²¹ *Idem*, p. 70.

¹²² Sousa, E. de. “A Grécia e a História”, in *op. cit.*, p. 90.

¹²³ Acerca dessa problemática, ver os magníficos 3 volumes de Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa*, I, II e III. Tradução de Constança Marcondes Cesar, Marina Apenzeller e Roberto Leal Ferreira, Campinas: Papirus, 1994, 1995 e 1997.

questões em torno de sua leitura de *Horizonte e complementariedade* (1975) e de *Sempre o mesmo acerca do mesmo* (1978), que, nesses livros, Eudoro já demonstrava “rejeição decidida do ponto de vista cronológico-progressivo que fez dos textos dos chamados pré-socráticos um prólogo a Platão e Aristóteles”¹²⁴. Tal rejeição, continua Serra, encontra-se, na verdade, assentada na recusa mais ampla, por parte de Eudoro, “da possibilidade de um *trânsito historiável* do mito ao *logos*”¹²⁵. Entre os dois livros e a publicação de *Mitologia I: Mistério e Surgimento do Mundo* e *Mitologia II: História e Mito*, no início dos anos 1980, havia se tornado claro, para Eudoro, a impossibilidade de “relações de significação” entre enunciados mitológicos e filosóficos. Segundo Serra, Eudoro pode então começar a pensar que a mítica e a metafísica gregas podiam conformar-se a um mesmo *a priori* cultural. A linguagem kantiana, todavia, não foi a escolhida, em um “estudioso nietzscheaneamente avesso à rotina teórica” para expressar essa descoberta¹²⁶. Na ocasião, surpreendeu assim Serra a leitura de trabalho de Eudoro, *Mitologia I: Mistério e Surgimento do Mundo*, em que o português apresenta o conteúdo do livro como sendo “mitologia, mitologia *sui generis*”¹²⁷. Não se trata, escreve Eudoro no Prólogo à 1ª edição, de “coletânea de mitos, nem de filosofia da mitologia. É, pura e simplesmente, mitologia”¹²⁸. A solução poética para expressar essa mitologia *sui generis* precisava encontrar uma nova reflexão sobre o tempo e a experiência histórica. *Mitologia 2: História e Mito* veio a se oferecer, em prosa porosa, como essa reflexão.

José Otávio Nogueira Guimarães¹²⁹

¹²⁴ Serra, O. “Traços à margem do horizonte”, *Humanidades* (Editora UnB), n. 50, 2003, p. 89.

¹²⁵ *Idem*, p. 94.

¹²⁶ *Idem*, p. 95.

¹²⁷ Sousa, E. de. “Prólogo à 1ª edição”, in *Mitologia I: Mistério e Surgimento do Mundo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 3.

¹²⁸ *Idem*.

¹²⁹ Doutor em História e Civilizações pela École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris e Professor Adjunto no Departamento de História da Universidade de Brasília – Brasil. O presente texto foi originalmente produzido como comunicação para o *Seminário Internacional Eudoro de Sousa – Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto*, ocorrido em Brasília nos dias 17 e 18 de junho de 2019. Agradeço ao Prof. Marcus Mota e a Profa. Agatha Barcelar pelo gentil convite para participar do seminário.